

2 Fundamentação teórica

Neste capítulo abordaremos questões relativas ao embasamento teórico de nossa dissertação. Primeiramente, trataremos das principais correntes de estudos de gênero enquanto ação social e recorrente dentro de uma comunidade discursiva. Num segundo momento, trataremos da questão dos novos gêneros digitais emergentes. Abordaremos também o aspecto interacional dentro dos gêneros discursivos digitais, e discutiremos a questão do blog enquanto gênero digital emergente, que vem a ser o objeto de análise de nossa dissertação. Por fim, trataremos da questão da multimodalidade e seu possível impacto em um novo tipo de design pedagógico.

2.1. Gêneros discursivos

Como dito anteriormente, neste trabalho, nos concentraremos em algumas das mais relevantes questões referentes a gênero enquanto ação social recorrente, situada histórica e culturalmente e usado por membros de uma determinada comunidade discursiva. Cumpre ainda dizer que, apesar de alguns autores fazerem uso de nomenclaturas diferentes - gênero textual ou discursivo - optamos por nos referir aos mesmos como gêneros discursivos, pois entendemos que nosso foco de estudo tenta ir além de uma análise do texto em si do ponto de vista estrutural e de seus elementos linguísticos, concentrando-se em uma visão de gênero enquanto instrumento de realização de ações sociais. Para tal, primeiramente abordaremos a visão bakhtiniana de gênero, que cremos permeia a maioria dos estudos atuais sobre esse assunto. Mais adiante, nos concentraremos nas conceituações de gênero dentro da Nova Retórica Americana e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Discutiremos também o conceito de comunidade discursiva em Swales (1990), um dos expoentes dos estudos ligados a ESP. Por fim, abordaremos algumas das questões ligadas aos estudos de gêneros dentro do Brasil através do trabalho de Marcuschi dentro dessa área.

2.1.1. Bakhtin e os gêneros discursivos

Grande parte das pesquisas relacionadas a gênero tem como ponto de partida o trabalho sobre interação verbal desenvolvido por Mikhail Bakhtin. Como

argumenta Carvalho (2005), Bakhtin vê o *enunciado* como a unidade de análise desse tipo de interação. Enunciado esse que contempla um “componente social, pois o enunciado de um falante precede e sucede o de um outro, todos espelhando o complexo ambiente social em que a atividade humana se desenrola” (CARVALHO, 2005: 132). Há ainda em Bakhtin a preocupação em chamar atenção para o fato de que todo enunciado tem um propósito de comunicação, o que aproxima seu trabalho das diversas teorias e estudos sobre gênero em curso atualmente.

De acordo com Bakhtin (2000), estudos de gênero existem desde a Antiguidade, período em que tais estudos se concentraram basicamente nos gêneros literários, que “sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade” (BAKHTIN, 2000: 280), não se levando em conta a sua natureza verbal ou linguística. Com o decorrer do tempo, passou-se a estudar também os gêneros do discurso cotidiano.

Como dito anteriormente, muito do que tem sido publicado com relação à questão de gênero nas últimas décadas está associado ao trabalho de Mikhail Bakhtin (2000) na área da interação verbal. Segundo ele, “todas as atividades humanas, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas à utilização da língua” (BAKHTIN, 2000: 279). É através da linguagem, que nos comunicamos uns com outros por meio de enunciados orais ou escritos, em outras palavras, os *gêneros discursivos*:

A utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2000: 279)

Os gêneros discursivos são ainda, segundo Bakhtin (2000), “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” porque, estando inseridos dentro de uma determinada sociedade, e sendo materializações da língua em uso, estão sujeitos, em maior ou menor escala, a mudanças que naturalmente ocorrem na sociedade em que se inscrevem, além, é claro, de variações estilísticas individuais, mudanças ou variações essas que vão depender do grau de *flexibilidade* de cada gênero mais

especificamente. Assim, um gênero como o *memorando* é menos propenso a sofrer alterações de cunho individual do que uma *carta* que escrevemos para alguém conhecido.

Bakhtin (2000) estabelece uma diferença entre gêneros discursivos primários (simples), que estariam ligados ao discurso cotidiano, e os secundários (complexos), como, por exemplo, o *romance*. Para o autor, a diferença entre os gêneros discursivos primários e secundários reside no fato de que estes “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita” (BAHKTIN, 2000: 281), ou seja, esses gêneros se desenvolvem a partir dos gêneros discursivos primários, que, via de regra, ocorrem em “circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAHKTIN, 2000: 281). É importante lembrar também que os gêneros primários sofrem alterações de propósito quando absorvidos em gêneros secundários.

Dentro dessa visão bakhtiniana de gêneros discursivos, diferentemente dos estudos de cunho estruturalista, o ouvinte assume um papel em que não é um ser passivo, ou seja, aquele que recebe um enunciado apenas. Pelo contrário, ele é destinatário dentro do processo comunicativo e tem “uma atitude responsiva ativa” com relação a esse enunciado. Em outras palavras, ele pode reagir àquilo que lhe é dito, concordando ou não, fazendo outras considerações, dentre outras ações, dando sequência ao processo verbal de forma síncrona ou não. Nos gêneros secundários, essa atitude responsiva é feita, usualmente, de forma assíncrona, mas não deixa de existir, pois uma obra literária dialoga com obras que lhe precedem, e por sua vez, essa mesma obra literária vai dialogar com outras que a sucederão. E é nossa percepção de nossos possíveis destinatários que nos leva a fazer escolhas composicionais que levem a cabo nosso propósito comunicativo de forma mais eficaz.

O intuito discursivo de um enunciado determina as escolhas que o falante/escritor tem que tomar para que sua mensagem seja compreendida, e dentro dessas escolhas se situa o gênero que será usado para tal função comunicativa. Para executarmos qualquer interação, lançamos mão dos gêneros discursivos, que facilitam nossa comunicação com o outro.

Para Bakhtin (2000: 319), “o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for não é objeto do discurso pela primeira vez nesse enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele”. Em outras palavras, o objeto de qualquer discurso não é algo totalmente novo, pois já foi objeto dos enunciados de outros, que se cruzam no discurso de alguém, que pode acrescentar-lhe algo, refutá-lo, e assim por diante. E esse mesmo objeto será objeto de outros enunciados que virão depois.

A seguir abordaremos a questão de gênero como ação social recorrente a partir de estudos dentro da Nova Retórica norte-americana.

2.1.2. Gênero como ação social

A visão bakhtiniana de gênero enquanto instrumento de interação social encontra eco na Nova Retórica norte-americana, cujos estudos se centram justamente no interesse pelo aspecto social dos gêneros discursivos. Dentre os pesquisadores cujos trabalhos têm sido desenvolvidos dentro dessa linha de estudos, abordaremos alguns dos conceitos relativos a gênero desenvolvidos nos trabalhos de Charles Bazerman e Carolyn Miller.

Miller (1984) encara o gênero do ponto de vista social chamando-o de um “artefato cultural”. Para ela, devemos tipificar o gênero do ponto de vista pragmático, ou seja, como uma ação social recorrente e cuja classificação deve ser baseada “em sua prática retórica” e não em aspectos puramente formais do mesmo:

O entendimento de gênero retórico que eu defendo é baseado na prática retórica, nas convenções do discurso de que uma sociedade estabelece como formas de "agir juntos". Não se presta a taxonomia, pois gêneros mudam, evoluem, e entram em decadência; o número atual de gêneros em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade da sociedade. (Miller, 1984: 163) ¹

¹ **Essa e outras traduções são de minha responsabilidade.** The understanding of rhetorical genre that I am advocating is based on rhetorical practice, on the conventions of discourse that a society establishes as ways of "acting together." It does not lend itself to taxonomy, for genres change, evolve, and decay; the number of genres current in any society is indeterminate and depends upon the complexity and diversity of the society. (MILLER, 1984: 163)

Miller (1984) crê que o gênero seja “um meio retórico” que usamos para mediar nossas intenções individuais e as exigências da sociedade, em outras palavras, aquilo que é “singular com aquilo que é recorrente”. Ainda de acordo com Miller (1994: 69), chamar gênero de “artefato cultural” reportaria a noção antropológica de artefato material de antigas civilizações, ou seja, “um produto que tem funções particulares, e que se encaixa dentro de um sistema de funções e outros artefatos”². Assim o gênero representaria um sistema de ações e interações sociais recorrentes dentro de uma determinada comunidade discursiva, onde reconhecemos os gêneros usados por nós e por outras pessoas para construirmos ações sociais.

Também dentro da escola de estudos retóricos norte-americana, Bazerman (2005) argumenta que aqueles que defendem uma definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignoram o fato dos gêneros estarem inscritos na sociedade, além de ignorarem o papel dos indivíduos ao usarem os gêneros para construir significado:

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2005: 31)

Para Bazerman (2005:31), os gêneros são “formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras”, ou seja, são formas de “enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias” (ibid.: 29-30) para atingirmos um propósito comunicativo. Os gêneros estão relacionados às atividades socialmente organizadas, em que as pessoas reconhecem os tipos de textos usados por elas e por outros.

² Calling a genre a ‘cultural artefact’ is an invitation to see it much as an anthropologist sees a material artefact from ancient civilization, as a product that has particular functions, that fits into a system of functions and other artefacts. (MILLER, 1994: 69)

Corroborando a ideia de “enunciados relativamente estáveis” de Bakhtin, Bazerman (2005) nos diz que exemplares de gênero não são elementos estáticos e que podem variar em “particularidades de conteúdo, situação e intenção do escritor, que podem levar a diferenças na forma” (BAZERMAN, 2005: 40). Os gêneros são também passíveis de mudança com o passar do tempo, ou seja, escreve-se uma carta hoje de forma diferente do que se escrevia há um século atrás. Além de variações temporais, existem também variações situacionais, ou seja, variações dentro de um mesmo gênero “em diferentes áreas ou campos” (ibid.) como, por exemplo, artigos de pesquisa experimentais em diferentes disciplinas, que podem vir a apresentar diferenças características entre as mesmas. Por fim, ainda dentro desse ponto de vista de gênero eminentemente retórico-social, gostaríamos de mencionar Devitt (2004), que define gêneros como “tipos de ações retóricas que as pessoas usam nas suas interações do dia-a-dia” (DEVITT, 2004: 2), e que impregnam nossas vidas em cada uma de nossas ações, em outras palavras, gêneros vistos como ações sociais tipificadas dentro de um contexto situacional e cultural, contextos esses também abordados dentro da Linguística Sistêmico- Funcional, uma outra linha de estudos linguísticos que permeia muito dos trabalhos sobre gênero atualmente, e da qual trataremos mais adiante.

2.1.3. Swales e os gêneros discursivos

Devido à importância de Swales na linha de estudos de ESP, cremos ser relevante abordar também algumas conceituações que têm muita pertinência e afinidade com os autores da linha da Nova Retórica, tais como a noção de comunidade discursiva e a própria ideia da retórica que se observa no modelo CARS³.

³ Modelo desenvolvido inicialmente por Swales para a análise de artigos de pesquisa, calcado em movimentos retóricos que estruturam os textos’

Para Swales (1990), os gêneros estão relacionados a eventos comunicativos e com propósitos comunicativos definidos, que são reconhecidos pelos membros de uma determinada comunidade discursiva como ações retóricas recorrentes. Diferentes exemplares de um determinado gênero “exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo, e audiência pretendida” (SWALES, 1990: 58) ⁴, podendo ser mais prototípicos ou não em sua estrutura composicional.

Entretanto, diferenças em termos composicionais de um gênero devem obedecer a restrições estabelecidas dentro daquilo que uma comunidade discursiva reconhece como os propósitos comunicativos desse gênero.

De acordo com Swales (1990), “uma comunidade discursiva tem um amplo conjunto acordado de metas comuns e públicas” ⁵ (SWALES, 1990: 24), que podem estar explicitadas através de documentos como no caso de uma associação, por exemplo, ou serem simplesmente tácitas. Quanto aos objetivos dessa comunidade, esses podem ser basicamente os mesmos, ou variar de acordo com os membros de tal comunidade. Em um partido político X, seus membros podem ter em comum a luta pela melhoria das condições de vida da classe trabalhadora, mas indivíduos dentro desse partido podem, além disso, lutar de formas diferentes para obtenção desses objetivos, ou até por causas outras que lhes sejam de interesse. Uma comunidade discursiva deve também possuir “mecanismos de intercomunicação entre os seus membros”⁶ (SWALES, 1990: 25).

⁴ In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. (SWALES, 1990: 58)

⁵A discourse community has a broad set of public common goals. (SWALES, 1990: 24)

⁶ [...] mechanisms of intercommunication among its members. (SWALES, 1990: 25)

Como nos diz Swales (1990), tais mecanismos de intercomunicação podem ocorrer das mais variadas maneiras orais e escritas: “encontros, telecomunicações, correspondência, boletins, conversações e assim por diante”⁷ (ibid.). Tais mecanismos, ainda segundo o autor, têm como objetivo primordial fornecer “informações e feedback” (SWALES, 1990: 26) para os membros dessa comunidade. Para que essa troca de informações e feedback se dê, os membros de uma comunidade discursiva lançam mão de um ou mais gêneros para a execução dos seus fins comunicativos. Dentro de uma comunidade discursiva, além desse conjunto de gêneros usados, existe também um léxico comum aos membros que dela fazem parte. Por exemplo, entre professores de inglês como língua estrangeira é comum o uso da seguinte terminologia: EFL, ESL, TEFL, dentre outros. Por fim, “uma comunidade discursiva tem um nível suficiente de membros que tenham um grau adequado de expertise / conhecimento em termos de discurso e conteúdo relevante.”⁸ (SWALES, 1990: 27).

Em outras palavras, nenhuma comunidade é estática e sempre existirão novos sujeitos entrando nessa comunidade, mas para que isso se dê de forma eficaz, se faz necessário que os novos membros demonstrem serem capazes de lidar com as expectativas discursivas dessa comunidade. No quadro 1 abaixo, resumimos os principais conceitos de comunidade discursiva de acordo com Swales (1990: 24-27), e que tomamos como base em nossa dissertação:

Uma comunidade discursiva...
<ul style="list-style-type: none"> • <i>tem um amplo conjunto acordado de metas comuns a essa comunidade.</i> • <i>possui mecanismos de intercomunicação entre os seus membros.</i> • <i>utiliza seus mecanismos participatórios principalmente para fornecer informações e feedback.</i> • <i>utiliza e, conseqüentemente, possui um ou mais gêneros para a execução dos seus fins comunicativos.</i> • <i>faz uso de léxico específico, além dos gêneros devidos.</i> • <i>tem um nível de entrada de novos membros que tenham um grau adequado de conteúdo relevante e especialidade discursiva.</i>

Quadro 1: conceitos de comunidade discursiva (adaptado de Swales, 1990)

⁷ [...] meetings, telecommunications, correspondence, newsletters, conversations and so forth. (SWALES, 1990: 25)

⁸ A discourse community has a threshold level of members with a suitable degree of relevant content and discourse expertise. (SWALES, 1990: 27)

No que tange à identificação dos propósitos comunicativos de um determinado gênero discursivo, Swales (1990) argumenta que isso nem sempre é uma tarefa fácil devido à complexidade dos mesmos. Além disso, esses propósitos podem ser de um número variado dentro de um mesmo gênero. Para exemplificar essa questão, Swales cita o noticiário, que tem como um de seus propósitos o de informar o público sobre o que está acontecendo no mundo, mas que também pode ter como propósito moldar a opinião pública a partir da ideologia política de um determinado órgão mediático. Em trabalhos posteriores, Swales desenvolve uma revisão no que se refere à questão do propósito comunicativo, como aquele publicado em 2001. Nessa posterior revisão o propósito continua integrado nos elementos, mas deixa de ser aquele que determina a identificação do gênero.

A seguir, abordaremos os aportes teóricos de gênero dentro da Linguística Sistêmico- Funcional.

2.1.4. A noção de gênero na linguística sistêmico-funcional

Outra importante escola de estudos linguísticos que trouxe grande colaboração para os estudos de gênero é a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), principalmente a partir do trabalho de Michael Halliday. Para os estudiosos dessa linha, a análise de qualquer língua natural deve levar em conta o seu aspecto funcional, ou seja, o seu uso ou propósito:

A Linguística Sistêmico-Funcional [...] corresponde a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. (GOUVEIA, 2009: 14)

Cabe mencionar que para Halliday (1970), “a natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir” (Halliday, 1970 apud Gouveia 2009: 16). De acordo com Halliday, poderíamos dividir tais funções, ou metafunções, em três tipos: a função *ideacional*, a função *interpessoal*, e a função *textual*, resumidas na forma do quadro 2 (p.22):

Função ideacional
<ul style="list-style-type: none"> • usada para codificar nossa vivência e experiência de mundo
Função interpessoal
<ul style="list-style-type: none"> • usada para codificar nossas interações e nossas posições com relação aos nossos enunciados
Função textual
<ul style="list-style-type: none"> • usada para codificar significados de desenvolvimento textual e organização retórica

Quadro 2: Metafunções da linguagem (adaptado de Gouveia, 2009)

Assim como Bakhtin nos fala de enunciados orais e escritos através dos quais interagimos socialmente, linguistas funcionalistas nos falam de textos que ocorrem dentro de dois contextos extralinguísticos: o contexto de situação (*registro*) e o contexto de cultura (*gênero*). Assim *gênero* seria visto como um determinado tipo de texto e o *registro* sua instanciação.

De acordo com Halliday & Hassan (1889), *registro* estaria relacionado às variáveis do contexto de situação, ou ambiente em que o texto é produzido, e que influenciariam a forma e o significado do texto. Todo texto se desenvolveria dentro desse contexto, que se divide em três parâmetros básicos: *campo*, *relações* e *modo*. O parâmetro *campo* está relacionado à ação social propriamente dita, ou seja, aquilo que está acontecendo. Já o parâmetro de *relações* está relacionado aos papéis sociais dos envolvidos em tal ação social. Por fim, o parâmetro *modo* diz respeito ao canal em que se dá tal interação, escrita ou oral. Por exemplo, em uma palestra sobre a dengue (*campo*), poderíamos dizer que o palestrante dá informações aos ouvintes (*relações*) sobre cuidados a serem tomados para se evitar a proliferação da doença através da exposição oral (*modo*) daquilo que deve ser feito com relação à prevenção da doença. O quadro 3 abaixo resume os parâmetros do contexto de situação:

CONTEXTO DE SITUAÇÃO		
CAMPO	RELAÇÕES	MODO
<i>relacionado ao que está acontecendo, ou seja, a atividade social propriamente dita</i>	<i>relativo aos papéis assumidos pelo falante/ouvinte ou escritor/leitor</i>	<i>relacionado ao modo ou canal em que o texto é produzido (escrito ou oral)</i>

Quadro 3: elementos do contexto de situação

Segundo Christie (1999), dentro da perspectiva da LSF, gênero é visto como uma atividade que tem um propósito comunicativo específico, que se dá em estágios determinados, e cuja estrutura em si serve a certos objetivos sociais, conforme se dá o desdobramento dessa atividade. Ainda dentro da mesma perspectiva, quando criamos um texto, as escolhas que fazemos se dão dentro de um contexto de situação (*registro*) e de um contexto de cultura (*gênero*), o que poderíamos exemplificar usando a figura 1 a seguir:

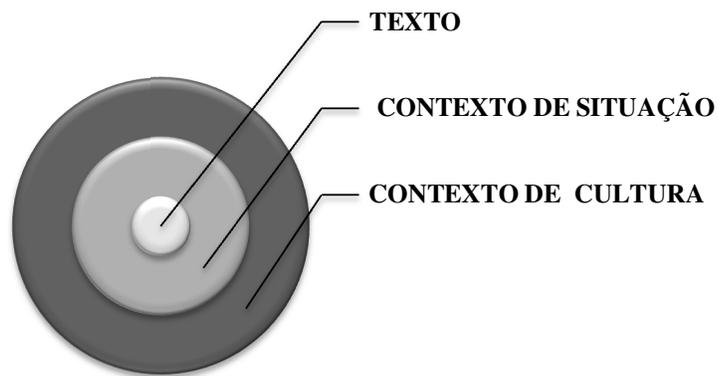


Figura 1: texto situado dentro de contextos extralinguísticos

A importância da LSF e de Halliday, especificamente, para os estudos de gênero advém do fato de que seguidores de tal linha de estudos linguísticos se preocupam em estudar a linguagem a partir de seu ponto de vista funcional. Em outras palavras, a linguagem, de que fazemos uso para expressarmos conteúdos, também nos serve para “estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros” (Gouveia, 2009: 15). E para que tais relações se estabeleçam lançamos mão de gêneros discursivos.

2.1.5. Gênero como ação social em Marcuschi

Por fim, dentro do panorama de estudos de gênero no Brasil do ponto de vista social, destacamos o trabalho de Marcuschi (2002), que também vê os gêneros como ações sociais que tomamos usando a linguagem para alcançarmos objetivos comunicativos determinados. Ele nos fala de gêneros textuais,

terminologia por ele utilizada, para definir os gêneros como práticas sócio-históricas como podemos observar na citação a seguir:

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. (MARCUSCHI, 2002: 19)

Em comum a todas as definições acima, vemos que estas apresentam algumas características bastante similares e com as quais trabalharemos nessa dissertação. Assim sendo, entendemos *gênero discursivo* como uma atividade social recorrente realizada por uma comunidade através da linguagem para atingir um determinado propósito, e da qual lançamos mão em nossa vida para alcançarmos nossos objetivos interacionais e comunicativos.

A seguir trataremos dos gêneros discursivos em ambiente virtual, onde muitas das questões levantadas até agora também se encontram presentes.

2.2. Gêneros discursivos em ambientes virtuais

De acordo com Marcuschi (2004:13), os gêneros discursivos em ambientes virtuais “são relativamente variados”, mas similares a outros gêneros que encontramos em ambientes não virtuais, como no caso do e-mail que foi substituindo pouco a pouco a memorandos e cartas dos mais diversos tipos. Ainda segundo ele, o estudo desses gêneros se faz cada vez mais relevante devido a vários fatores, dentre eles o uso cada vez mais frequente de tais gêneros na sociedade atual. Podemos acrescentar que o estudo desses gêneros se torna necessário em função do uso amplo em ambientes de ensino, em que o professor precisa entender as implicações da tecnologia em as suas práticas pedagógicas.

Com relação ao aspecto da linguagem, a relação entre a oralidade e escrita em tais gêneros tem dado origem a uma série de estudos dos mesmos (Caiado: 2007; Alves: 2010). Tal fato se dá porque em muitos desses gêneros, como no caso do chat, faz-se uso da escrita, característica primordial dos gêneros digitais,

mas lança-se mão de um discurso menos monitorado e bastante informal. Como nos diz Marcuschi (2004:14), “a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma *cultura eletrônica*, com uma *nova economia da escrita*” (grifos do autor). É interessante lembrar que essa introdução da escrita eletrônica tornou o uso da escrita novamente generalizado, pois a toda hora estamos escrevendo e-mails, mensagens de texto no celular e assim por diante.

Esse novo tipo de comunicação é tanto chamado de *Comunicação Mediada por Computador* (CMC), como também de *comunicação eletrônica* ou *discurso eletrônico*, e está relacionada aos mais diversos gêneros que se acham presentes nesse tipo de comunicação. Tais gêneros, obviamente, por serem produzidos em meio digital sofrem as consequências desse meio:

Se tomarmos o gênero como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, ‘relativamente estável’ do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana (Bakhtin, 1979), servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos (Swales, 1990) e como forma de ação social (Miller, 1984), é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. (MARCUSCHI, 2004: 17)

Sendo assim, surgem questões tais como as que afetam o caráter *interpessoal* nas interações dentro desse meio, que passam a ser *hiperpessoais*, e onde nem sempre o interlocutor se identifica podendo manter-se anônimo como numa sala de bate-papo *online*, por exemplo. Como mencionado anteriormente, há também a importante questão da centralidade da escrita como forma de comunicação mais recorrente dentro do mundo cibernético, e que devido a uma série de fatores, dentre eles a economia de tempo, tem originado mudanças formais, como, por exemplo, a notação gráfica alternativa observável em salas de chat e blogs pessoais.

Para Marcuschi (2004), A linguagem dentro desses gêneros tem se modificado conforme os avanços tecnológicos se dão. E-mails escritos quando do advento desse gênero eram bastante curtos devido às características dos *softwares* usados então, que não comportavam mais do que um punhado de frases, enquanto os e-mails escritos atualmente podem ser de variados tamanhos e conter todo tipo de anexos.

Ainda cabe mencionar a noção de comunidade do ponto de vista social de que nos fala Marcuschi (2004):

Uma comunidade social é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradoras. (Marcuschi, 2004: 22)

Essa definição se assemelharia a noção de comunidade discursiva de Swales (1990), mas nem sempre as comunidades de Swales vão encontrar eco nas comunidades virtuais. Por exemplo, nos chats ou bate-papos, os indivíduos se mantêm, em geral, anônimos, muitas vezes, fazendo uso de *nicks* (apelidos), e onde as interações acontecem de modo efêmero e superficial. Entretanto, o mesmo não se dá no caso de aulas virtuais e chats educacionais, onde ocorre mais claramente a identificação dos atores sociais envolvidos nessas interações e onde as interações não são superficiais.

Dentre alguns pontos que precisam ser revistos dentro do aspecto interacional verbal nesses gêneros digitais, citamos dois que nos parecem bastante importantes naquilo que trazem de novo a essa questão: a presença física dos interlocutores e a sincronia ou assincronia dentro dessas interações. Quando se fala em bate-papo, a imagem que nos vem à cabeça é de que pessoas estejam interagindo face a face, o que, de certa forma, deixou de ser verdade com o advento do telefone. Porém, além da questão da distância, temos a questão da conversa sem o uso da oralidade, onde os interlocutores dialogam por meio da escrita de forma síncrona, o que contrasta com a tradicional característica assíncrona do uso da escrita.

Como dito anteriormente, para Marcuschi (2004), os novos gêneros digitais encontram similares em gêneros tradicionais. Entretanto, o autor adverte que essa comparação deve ser vista com cautela, pois os gêneros virtuais apresentam características que não são encontradas nos gêneros tradicionais, já que aqueles, sendo mediados pela tecnologia computacional, podem vir a sofrer interferência do meio em que são produzidos, notadamente em seus aspectos formais.

Para Marcuschi (2004), uma série de parâmetros deve ser levada em consideração para a análise desses novos gêneros digitais, parâmetros estes que reproduzimos em forma do quadro 4:

PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS GÊNEROS VIRTUAIS

- tipo de participantes (bilateral como nos *chats reservados* ou multilateral como nos *chats abertos*)
- tempo (síncrono como no caso dos *chats* e assíncrono como no caso dos *blogs*)
- número de interlocutores
- tempo de envio e espera de mensagens ou sinais
- quantidade de texto permitido
- limites impostos à revisão
- grau de automatização das operações
- método de armazenamento, busca e gerenciamento de textos
- riqueza e variedade de sinais (texto, som, imagem, etc.)

Quadro 4: parâmetros de análise dos gêneros virtuais (adaptado de Marcuschi, 2004)

Em suma, os participantes ou interlocutores nos gêneros virtuais se dividem em dois tipos, o *bilateral* em que apenas duas pessoas interagem, ou *multilateral*, onde a interação se dá com um número variado de pessoas. Tal interação pode ser síncrona, ou em tempo real, ou assíncrona, como quando comentamos algo previamente postado em um blog, por exemplo. A quantidade do texto permitido vai depender muitas das vezes do tipo de *software* que utilizamos, como no *Twitter*, onde há um limite de 140 caracteres por mensagem. As limitações à revisão também vão depender do tipo de gênero utilizado, pois em blogs, muitas vezes, nos é dada a chance de apagar um comentário durante um pequeno tempo após a postagem do mesmo. O armazenamento daquilo que é postado se dá de forma automática, e em geral pode ser recuperado através de um sistema de busca no sitio. Por fim, por serem multimodais, os gêneros digitais apresentam uma variedade de sinais que incluem textos, sons e imagens.

Segundo Marcuschi (2004), um dos mais interessantes questionamentos sobre esses novos gêneros digitais diz respeito à questão do contínuo fala-escrita, onde o uso recorrente da escrita de forma não monitorada pode, eventualmente, influenciar no modo como escrevemos, com a possível aceitação de grafias diferentes, além de abreviaturas, tão usadas pelos adolescentes em mensagens e e-mails, tudo dependendo do contexto em que se usa a língua. O autor concorda

com Halliday (1996, apud Marcuschi, 2004), e diz que essa maior interação entre a fala e a escrita pode levar “a novas formas de discurso” com a integração cada vez maior de elementos não verbais dentro do processo de comunicação.

Outra questão que tem chamado atenção com relação a esses novos gêneros digitais diz respeito ao aspecto da hipertextualidade, que de certa forma altera a noção tradicional de linearidade da leitura. O caminho que o leitor faz através dos hipertextos vai depender em muito de seus interesses imediatos. Bezerra (2007) argumenta que a hipertextualidade dá ao leitor a possibilidade de percorrer os mais diversos caminhos de leitura, alterando os papéis mais convencionais de autor e leitor. Entretanto, citando Finnemann (1999 apud Bezerra, 2007: 117), Bezerra nos lembra que, assim como essa quebra de linearidade pode se dar com o hipertexto, o mesmo pode vir a acontecer na leitura de textos não digitais, onde “empregamos as técnicas de varredura e fragmentação da informação” (BEZERRA, 2007: 117), como acontece ao folhearmos e selecionarmos aquilo que nos interessa ler numa revista, por exemplo.

De acordo com Bezerra (2007), a dicotomia *linear x não linear* poderia ser abandonada, e partirmos para o que defende Finnemann (1999, apud Bezerra, 2007) de dois modos de leitura passíveis de ocorrer dentro desses novos gêneros, conforme o quadro 5 a seguir:

Modo de leitura	Modo de navegação
<ul style="list-style-type: none"> a "leitura como tal", correspondendo a leitura tradicional que fazemos dos textos 	<ul style="list-style-type: none"> caminho percorrido pelo leitor no site e construindo, assim, tal leitor sua própria estratégia de leitura

Quadro 5: Modelo bidimensional de leitura (adaptado de Bezerra, 2007)

Com relação a esse mesmo aspecto, Motta-Roth et al (2007) entendem que os hipertextos da Internet nos possibilitam um tipo de leitura que é organizado pelos leitores a partir do momento em que podemos passar de uma leitura de um texto para qualquer outro elemento constante numa página de um dado sítio, passando por *links* diversos, que eventualmente nos levam a outros rapidamente. Esse caráter sócio interativo entre o autor e o leitor seria especialmente significativo para “o ensino de produção textual em língua estrangeira” (MOTTA-

ROTH et al, 2007: 127), pois o uso de atividades centradas dentro desse contexto digital poderiam oportunizar “a leitura e a produção textual” (ibid:129) dos aprendizes.

Outro aspecto relevante quanto aos gêneros digitais diz respeito ao seu caráter multimodal. Tanto Marcuschi (2004) quanto Bezerra (2007) fazem menção ao fato de que textos produzidos em ambientes virtuais fazem cada vez mais uso de aspectos multimodais, com o uso cada vez mais crescente da associação do verbal e do visual, o que a princípio poderia nos levar a crer que se trataria de um fenômeno puramente atual. Entretanto, convém lembrar que a associação entre imagem e escrita remonta a tempos antigos. De acordo com Barthes (apud Kress & van Leeuwen, 1996: 16), a presença de ilustrações em textos produzidos até um pouco antes de 1660 era o elemento dominante. A partir dessa época, as imagens foram pouco a pouco cedendo lugar ao elemento verbal, que foi sendo atribuído de autoridade textual.

Porém, em nosso mundo contemporâneo, essa associação visual de que falamos acima se torna cada vez mais preponderante. Estamos cercados de imagens em todos os lugares, seja na forma de fotografias, ilustrações, vídeos, ou qualquer outro elemento de representação visual. Como nos dizem Kress & van Leeuwen (1996), os diversos tipos de textos aos quais temos acesso “envolvem uma complexa interação de textos escritos, imagens e outros elementos gráficos” (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996: 15). Ou seja, o elemento visual tornou-se novamente recorrente em nossa cultura ocidental, onde tanto os elementos verbais quanto os elementos imagéticos trabalham cada vez mais juntos na construção do significado textual como um todo. Em suma, essa junção do verbal e do visual é central aos textos que são produzidos em ambiente virtual. Aqui cabe lembrar que embora o gênero blog apresente elementos visuais, tais elementos não são o foco de nossa análise. Contudo, acreditamos que por se tratar de um gênero onde o aspecto imagético é tão recorrente faz-se importante mencionar tal característica dos gêneros digitais.

Dos pontos mencionados até o momento, cremos que alguns são bastante relevantes para nossa pesquisa. Primeiramente, cabe mencionar que a CMC é hoje uma realidade em nossas vidas, e, portanto, nos parece necessário que se

aprofundem os estudos de gêneros dentro dessa área, principalmente no que diz respeito à estruturação da comunicação dentro de um gênero multifacetado como o blog, por exemplo, que pode trazer em si uma infinidade de outros gêneros. Outra questão de destaque vem a ser a hipertextualidade presente em ambientes virtuais, e que dá ao leitor um caminho de leitura, se não inédito, bem peculiar aos gêneros digitais. Por fim, o aspecto multimodal dos gêneros digitais também parece merecer atenção devido a seu possível impacto no processo ensino/aprendizagem.

Na seção que se segue abordaremos o aspecto interacional dentro de alguns gêneros em ambientes virtuais.

2.3. Interação em gêneros digitais

No que tange ao aspecto interacional em ambientes não virtuais, a conversação face a face é tida como prototípica dentre da modalidade discursiva oral, onde os interactantes fazem uso de linguagem espontânea e não planejada devido ao contexto em que ocorre. De acordo com Souza (2010), mesmo que planejemos ou ensaiemos antecipadamente aquilo que queiramos dizer, o momento em que se dá a conversação face a face não nos permite planejar cada detalhe daquilo que pode eventualmente acontecer durante essa interação. Tal fato se dá porque nesse tipo de interação ocorre um sistema de troca de turnos entre seus interlocutores, o que transforma tal discurso conversacional numa “construção conjunta dos participantes, em que ocorre uma interdependência de suas falas” (SOUZA, 2010: 19), o que contrasta com o a interação dentro do discurso escrito, que pode vir a ser “planejado, premeditado e alterado” (SOUZA, 2010: 18).

Souza (2010) ainda aponta outros fatores intimamente ligados à conversação face a face: os aspectos paralinguísticos e não verbais que compõem esse tipo de interação, dentre eles a entonação e o gestual, recursos de que não dispomos ao escrever. O aspecto da temporalidade é também fundamental dentre os fatores de distinção entre o discurso oral e o escrito. No discurso oral, a interação do falante com sua audiência se dá de forma imediata, o que não ocorre usualmente no

discurso escrito por haver entre o produtor e o receptor desse tipo de discurso tanto a distância espacial quanto a cronológica.

Já no que tange a aspectos estruturais, o discurso oral cotidiano muitas vezes se caracteriza por uma sintaxe menos monitorada, e pelo uso lexical também mais espontâneo, onde as formas contratas são bastante comuns neste tipo de interação. Citando Chafe, Souza (2010) destaca que o produto desses dois tipos de discurso apresenta características genéricas distintas que reproduzimos no quadro 6 abaixo:

DISCURSO ORAL	DISCURSO ESCRITO
<ul style="list-style-type: none"> • qualidade fragmentada da fala: o uso da língua condicionado pelo pensamento, resultando na expressão de uma única ideia por vez pelo falante • envolvimento com a audiência: o falante pode monitorar o efeito daquilo que é dito ao ouvinte 	<ul style="list-style-type: none"> • qualidade integrada da escrita: o escritor é capaz de sintetizar uma sucessão de ideias numa única unidade linguística mais complexa • distanciamento com a audiência: leitores de um texto podem estar distantes física e temporalmente do escritor, que pode ainda nem conhecer realmente os seus possíveis leitores

Quadro 6: Marcas de diferenciação fala/escrita de acordo com Chafe (adaptado de Souza,2010:23-25)

Para Chafe, aqui tomando como modelo a conversação face a face como o mais típico exemplar de discurso oral, o pensamento condiciona aquilo que somos capazes de expressar. Expressão essa que se dá na forma de ideias únicas por parte do falante e que são eventualmente respondidas pelo ouvinte, havendo aí uma interação em tempo real, onde o falante pode perceber qual o efeito daquilo que foi dito no seu ouvinte. Já no discurso escrito, o escritor tem a possibilidade de elaborar mais o seu texto, pois pode revisá-lo para que o mesmo fique mais claro ou abranja um maior número de ideias. E quanto ao leitor, podemos eventualmente conhecê-lo, como quando enviamos um e-mail a alguém, ou nem ao menos saber quem lerá aquilo que por ventura tenhamos escrito como ocorre com o gênero romance, por exemplo.

Já para Alves (2010: 150), a CMC “transformou a interação social” ao permitir a troca de informação e envio de sons e imagens entre interlocutores em tempo real. Todavia, citando Jonsson (1997 apud ALVES, 2010: 150) a autora argumenta que “diferentes modos de comunicação na internet produzem taxas diferentes de interatividade”, ou seja, um gênero como o chat seria bem mais interativo do que o blog.

Ainda de acordo com Alves (2010), o que ocorre dentro da CMC é que, apesar de se usar a escrita em gêneros virtuais, “o texto escrito na internet não apresenta as características dos gêneros impressos/escritos tradicionais” (ALVES, 2010: 150), trazendo um nível de informalidade e espontaneidade bem parecido com o que observamos no discurso oral. O gênero chat poderia ser tomado como aquele cuja linguagem mais se aproxima do discurso oral, mais especificamente da conversação face a face. Já no gênero e-mail, por exemplo, tal linguagem pode variar de acordo com o tipo de texto que é elaborado, indo do mais informal ao mais formal, dependendo do contexto situacional em este é produzido.

Com relação à temporalidade, esta vai variar de acordo com o gênero digital em questão. Por exemplo, no e-mail, a troca de informação por vezes é feita de forma tão rápida e imediata, que nos remeteria a interação que acontece na conversação face a face, onde a troca de turnos entre os interlocutores se dá de forma síncrona, ou em tempo real. Para Alves (2010), tal rapidez encoraja “os interactantes a produzir mensagens curtas, sem muita elaboração prévia, informais” (ALVES, 2010: 152), o que reforçaria “a semelhança desse gênero discursivo com a conversação verbal” (ibid.). Dentre os recursos conversacionais usados em e-mails, Souza (2009) destaca os seguintes (cf. quadro 7):

Recursos estilísticos em e-mails

- uso de emoticons⁹, símbolos que reproduzem a atitude ou sentimento do escritor
- repetição do uso de sinais de pontuação, que também reproduzem a atitude ou sentimento do escritor
- o uso de caixa alta, percebido pelos interactantes como grito

Quadro 7: recursos estilísticos em e-mails (adaptado de Souza, 2010)

No gênero blog, a interação se dá, em geral, de forma assíncrona e na forma de comentários em resposta a uma postagem prévia do bloguista. Quanto à linguagem observável em blogs, principalmente os de cunho pessoal, esta usualmente se tem um caráter informal, podendo conter os mesmos recursos estilísticos presentes em chats e e-mails.

⁹ Caracteres tipográficos, tais como: :) / :-) ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. (fonte: Wikipédia)

Em suma, do ponto de vista linguístico, o tipo de interação que ocorre dentro de alguns gêneros da CMC vai ter relação direta com o contexto situacional em que se dá tal interação. Como diz Alves (2010), a conversação face a face, que por ser usualmente espontânea e não planejada, muitas vezes acaba dando lugar a exigências de ordem pragmática que podem deixar de lado as exigências de cunho sintático, e “daí os falsos começos, as hesitações, os truncamentos, as correções, todos aqueles traços que costumam se denominar genericamente de erros” (ALVES, 2010: 155). Desse modo, gêneros virtuais que se assemelham a esse tipo de conversação tendem a incorporar elementos linguísticos e extralinguísticos em sua produção, reproduzindo assim o dinamismo e a informalidade que ocorrem nesse tipo de interação.

Por fim, gostaríamos de citar Motta-Roth (2010), que vê nas interações mediadas por computador, “uma relação alternativa” à clássica relação professor-aluno em contexto de sala de aula. De acordo com ela, a CMC dá a chance do professor e dos aprendizes de trabalhar realmente de forma comunicativa ao participar de evento comunicativo real, embora virtual.

Na seção que se segue, trataremos especificamente do gênero blog, objeto de estudo nessa dissertação, que tem crescido muito em termos de popularidade nos últimos anos.

2.4. O blog como gênero

A expressão blog, que surgiu no final dos anos 90, vem da associação das palavras *Web* (rede mundial de computadores) e *log* (um tipo de diário de bordo usado por navegadores dos mais diversos tipos para fazerem anotações diárias). De *weblog*, a expressão inicial logo se tornou mais conhecida como blog, que funciona como uma espécie de diário eletrônico pessoal, e cujo conteúdo varia de blog para blog. Os blogs têm uma composição textual bastante diversa, com textos dos mais variados tamanhos, além da presença de imagens, sons, vídeos e *links*. Sua função comunicativa inicial estava ligada à expressão das ideias e dos sentimentos dos bloguistas.

De acordo com Marcuschi (2004: 61), inicialmente, os blogs eram como que “diários de bordo dos navegadores da Internet”, onde se registravam leituras além de *links* e *sites* de interesse. Com o passar do tempo, se tornaram extremamente populares com “adolescentes internautas”, que de acordo com Caiado (2007: 36), “possuem *blogs* para virtual e coletivamente registrar o que os sufoca e exibir suas formas de ver o mundo”, usando esse gênero para falar dos mais variados assuntos.

Do ponto de vista de suas características formais, Miller (2009), nos diz que os blogs contêm entradas datadas, que se iniciam sempre pelas mais recentes indo até as mais antigas. Além desse aspecto, eles contêm *links* para outros sítios. As postagens incluem a data, hora e autor das mesmas. Muitos blogs também permitem que seus usuários ou leitores façam comentários acerca daquilo que tenha sido postado através de *link* específico, em geral, logo abaixo daquilo que foi postado. Ainda de acordo com Miller (2009), a ação social tipificada dos blogs gira em torno da expressão do ‘eu’, que viria a ser o principal tema de muitos bloguistas.

Já Marcuschi (2004) vê os blogs como um *Grande Big Brother da Internet*, ou seja, um gênero onde a divisão entre o público e o privado deixaria de existir, pois temos acesso a verdadeiros diários pessoais:

Resumidamente, os blogs funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Muitas vezes, são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos [...] sentimentos, crenças e tudo o que for conversável. Trata-se de um Big Brother da Internet[...] (MARCUSCHI, 2004: 17)

Do ponto de vista da gênese desse gênero, Miller (2009) crê que o sucesso do gênero blog estaria ligado a um contexto cultural particular nos anos 90, em que se dá um esmaecimento entre a fronteira do público e do privado, pois, ao falar de algo íntimo e pessoal *online* se estaria rompendo a barreira entre essas duas esferas. Para corroborar essa linha de pensamento, a autora cita o crescimento do noticiário relacionado às celebridades, cujas vidas se acham cada vez mais expostas ao escrutínio popular, e também de um tipo de show que começou a fazer bastante sucesso a partir dessa época: o *reality show*. Estaríamos vivendo numa sociedade *voyerista*, onde pessoas se comprazem em mostrar e

outras em ver tudo que acontece, mesmo que nem tudo corresponda verdadeiramente ao real.

Ainda de acordo com Miller (2009: 6), “em 1999, foram lançados portais que possibilitavam a criação de blogs que ofereciam ferramentas de edição de fácil uso e que não requeriam experiência em codificação”¹⁰ de linguagem computacional. Uma pesquisa feita no ano de 2003, e mencionada pela autora, calculou que o número de blogs existentes à época se aproximaria de mais de 4 milhões.

Como mencionado anteriormente, no que tange ao conteúdo mediático, os blogs podem conter tanto textos quanto imagem e som. Atualmente encontram-se também o que poderíamos chamar de “subgêneros” do blog, tais como fotoblogs (*photoblogs*), videoblogs (*videoblogs*) e audioblogs (*audioblogs*). Assim, o blog do professor, ou blog pedagógico, poderia ser outro subgênero e em nossa dissertação iremos ‘adotar’ essa posição.

Como em diversos gêneros digitais, uma das questões de preocupação com relação a esses gêneros diz respeito ao aspecto do uso da linguagem em tais ambientes. Como dito previamente, apesar do uso da escrita ser central à interação dentro do meio digital, a troca dialógica *online* muitas vezes se dá de forma não monitorada, ou seja, devido a uma série de fatores, dentre eles a economia de tempo e a própria dinâmica da interação, que requer presteza no escrever, uma nova “linguagem” tem surgido a partir dessas interações via computador com destaque para a grafia das palavras. O motivo de preocupação residiria no fato de que uma nova notação ortográfica em ambiente virtual, observável nesses gêneros, apresentaria uma ameaça à norma culta da língua. Como exemplo dessa questão, citamos o resultado de uma pesquisa de Caiado (2007) com blogs de adolescentes, na qual foram identificadas as seguintes estratégias de economia relacionadas à notação ortográfica em português, e que reproduzimos no quadro 8 (p. 36):

¹⁰ In 1999, a number of blog portals were launched, all offering easy-to-use editing tools that require no coding experience.

ESTRATÉGIAS DE REDUÇÃO DE PALAVRAS

- sons de letras iniciais de palavras + símbolos matemáticos: **D+** (demais)
- escrita consonântica: **bjs** (beijos), **td** (tudo)
- redução de expressões a três letras: **fds** (fim de semana)
- a substituição de QU por K: **aki**, **eskeceraum**
- subtração de vogais mediais: **qm** (quem), **qnd** (quando)
- redução de palavras a até uma letra apenas: **ñ** (não)

Quadro 8: estratégias de economia de notação gráfica (adaptado de Caiado, 2007)

Entretanto, como lembra Caiado (2007), essa troca dialógica se dá mesmo com a eventual “quebra” da notação “correta” das palavras, gerando “sentido, interação, comunicação”, em outras palavras, a “linguagem utilizada nos blogs é adequada ao propósito comunicativo” (CAIADO, 2007: 40), não podendo se configurar como “erro”, mas sim como uma “forma de identificação e interação grupal” (ibid.). Para Caiado (2007), os bloguistas não escrevem de forma errada, mas assim o fazem por serem participantes de um processo comunicativo que busca a economia na notação gráfica e maior agilidade no escrever. Tal processo objetiva “adequar a língua ao meio” digital onde está efetivamente sendo produzida, além da criação de um “dialeto identificador da *cibertribo*” (grifo da autora) (ibid.), ou seja, adequar-se a comunidade discursiva a que pertencem.

Em suma, embora alguns possam considerar essas notações gráficas como ‘erro’, a autora chama a atenção para o fato de que “essas [novas] linguagens propiciam movimento e reciprocidade” (CAIADO, 2007: 46), ou seja, elas são fruto da interação entre os usuários desse novo gênero digital, o que mereceria ser investigado mais a fundo e com um olhar mais aberto às mudanças que ocorrem nos gêneros.

Atualmente, há um crescente número de blogs para perfis diversos desde os iminentemente pessoais, que funcionam como uma espécie de diário online até blogs de profissionais das mais diversas áreas, dentre eles jornalistas, que mantêm blogs onde publicam textos e vídeos de seu interesse, além, é claro, de *links* para outros textos e vídeos na Internet. Observa-se também um crescente número de blogs de professor, cujo cunho, em geral, é basicamente educacional. Assim sendo, o propósito comunicativo vai variar de blog para blog. Enquanto jornalistas

escrevem sobre assuntos do cotidiano e para expressar suas opiniões acerca desses assuntos, professores, em geral, usam blogs como instrumento pedagógico extraclasse.

De modo geral, Marcuschi (2004) identifica o gênero blog levando em conta os seguintes parâmetros, que reproduzimos em forma esquemática no quadro 9:

Parâmetros de identificação do gênero <i>blog</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Relação temporal assíncrona • Duração da interação indefinida • Extensão do texto variável • Formato textual → texto corrido • Participantes múltiplos • Relação dos participantes → tanto conhecidos do <i>bloguista</i> como também anônimos • Troca de falantes → irrelevante no contexto dos <i>blogs</i> • Função → interpessoal e lúdica • Tema livre • Estilo informal • Canal/Semioses → texto e imagem • Recuperação de mensagens por gravação

Quadro 9: parâmetros para identificação do gênero blog (adaptado de Marcuschi, 2004)

Nos blogs pessoais, encontramos participantes múltiplos, incluindo-se aí o bloguista e pessoas que comentam aquilo que é postado por ele. Tais pessoas podem ser conhecidas do bloguista ou não, e identificarem-se ou não. A interação entre o bloguista e outras pessoas se dá de forma assíncrona, não tendo tal interação uma duração específica. Como o bloguista, em geral, escreve sobre si e sua visão do mundo, e aqueles que com ele interagem fazem comentários acerca do que é postado por ele, faz-se uso de texto corrido de extensão variável e de tom informal. Contudo, essa troca entre falantes em blogs pode ou não vir a acontecer, pois algo postado pelo bloguista pode vir ou não a gerar comentários por parte de outras pessoas. O conteúdo dos blogs pessoais é livre e vai depender daquilo que o bloguista quer expressar sobre si ou sobre a realidade a sua volta. A função de tais blogs reside na interação entre o bloguista e o mundo, que para isso pode lançar mão das mais variadas semioses para expressar seus sentimentos. Por fim, tudo que é postado fica automaticamente armazenado na web e pode ser recuperado, seja pela navegação através das entradas que vão das mais novas às mais antigas, ou através de *link* de busca.

Essa exposição acima, focando o blog como gênero discursivo, se faz necessária considerando a falta de consenso sobre a definição de blog, no sentido de ser um gênero com subgêneros, ou de ser um suporte para a realização de ações sociais através de variados gêneros lançados no blog-suporte. Nesta dissertação, adotamos a visão de que se pode argumentar que o blog tem características suficientes de gênero para ser considerado como tal. Lembramos que os blogs servem como veículo para uma atividade continuada e recorrente dos participantes, a comunidade discursiva. Através dos blogs, são realizadas ações que são necessárias para o avanço da agenda da comunidade. Entendemos que em termos do blog do professor analisado neste trabalho a agenda cumpre o propósito de avançar a aprendizagem por meio de uma variedade de conteúdos de cunho didático que são esperados e reconhecidos pelos participantes em determinada situação no processo de aprendizagem. No entanto, o objetivo do presente trabalho não é definir o blog como gênero, mas sim de estudar um aspecto do blog que tem a ver com a variedade de conteúdos e formas mencionados antes.

Observa-se que, pela sua característica de abarcar uma grande variedade de formas e textos, pode-se dizer que o blog se assemelha ao gênero secundário descrito por Bakhtin. No presente estudo, abordaremos essa característica por outra perspectiva, ou seja, como sendo um *sistema de gêneros*, e é essa perspectiva o foco da análise do blog.

Por último, trataremos de uma questão que cremos seja pertinente a discussão dentro de nosso trabalho, que vem a ser o aspecto da multimodalidade e de um novo *design pedagógico* a partir dessa multimodalidade que permeia nosso mundo atual.

2.5. Multimodalidade e design pedagógico

Ao mencionarmos anteriormente o ambiente virtual em que se inserem os gêneros digitais, ambiente esse caracterizado pela sua multimodalidade, nos parece importante citar Kress & van Leeuwen (2001) e seu conceito de *design* dentro dos mais variados contextos. Para os autores, antes da inserção de estudos da visualidade em contextos de ensino, a linguagem era tida como o elemento central para a comunicação e representação do mundo. Entretanto, como lembram

esses autores, nesse nosso período contemporâneo, outros meios semióticos, além da linguagem, são “tratados como totalmente capazes de estar a serviço da representação e da comunicação” ¹¹ (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 46).

Por este motivo, o termo *design* poderia ser usado hoje nos mais diversos contextos situacionais, incluindo aí o *educacional*. Para Kress & van Leeuwen (2001), *design* estaria relacionado com a organização dos vários elementos semióticos que entrariam na concepção de um determinado produto:

Design [...] é a organização daquilo que deve ser articulado dentro de um projeto de produção. Nesse tipo de definição, a tarefa do designer é vista com “arquitetural”: transformar os recursos disponíveis em uma estrutura que pode atuar como “modelo” para a produção de um objeto, entidade ou evento. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 50) ¹²

Assim sendo, viveríamos hoje uma nova era com relação ao termo *design*, que assumiria um caráter essencial em nosso ambiente de trabalho. Atualmente, o que se espera de um profissional é que ele seja capaz de lidar com diferentes funções, ou seja, tenha uma prática profissional multifacetada, na qual ele deve tomar uma “multiplicidade de decisões em relação a uma multiplicidade de modos e áreas de representação” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 47) ¹³, o que em outros tempos não ocorreria de forma tão usual. Aqui cumpre observar que é justamente essa nova tecnologia digital a nosso dispor que tem ajudado cada vez mais aos profissionais das mais diversas áreas em sua tarefa de produção multimodal dentro de seu ambiente profissional.

¹¹ [...] are treated as fully capable serving for representation *and* for communication. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 46)

¹² Design [...] is the organization of what has to be articulated into a blueprint for production. In that definition the task of the designer is seen as ‘architectural’: the shaping of available resources into a framework which can act as the ‘blueprint’ for the production of the object or entity or event. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 50)

¹³ [...] multiplicity of decisions, in relation to a multiplicity of modes and areas of representation. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 47)

No que se refere ao profissional de ensino, para Kress & van Leeuwen (2001), o conceito do *design* “envolve questões tais como que modos usar para que segmentos do conteúdo curricular; como organizar esse conteúdo, por exemplo, se devemos estruturá-lo de forma altamente sequencial” ou não (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 51)¹⁴, além é claro de como organizar os modos selecionados. Em outras palavras, o professor *desenharia* seu produto, ou sua aula, a partir dos conteúdos curriculares, lançando mão dos recursos disponíveis e organizando os modos que julgar necessários para uma estruturação eficaz desse conteúdo.

Assim como os autores citados no paragrafo anterior, Jewitt (2009) também nos fala da questão do *design* em ambiente pedagógico. Para ela, a noção de *pedagogia como design* está intimamente relacionada aos propósitos pedagógicos do professor, o que, para a autora, vem a ser uma questão central dentro do ensino. Esse tipo de *design* diz respeito às escolhas e seleções por parte do professor dos mais variados recursos, tecnológicos ou não, e que possam vir a ser implementados em sua prática de sala de aula. Partindo de uma perspectiva sócio semiótica, Jewitt (2009) entende o *design pedagógico* como a realização textual de significado interpessoal- as relações sociais em sala de aula, e a elaboração ideacional de conhecimento- conteúdo curricular. A partir dessa noção pedagógica, Jewitt (2009) crê que tais relações sociais são concebidas através dos mais variados meios, e que resumimos na forma do quadro 10:

<p>MEIOS DENTRO DO CONCEITO DE DESIGN PEDAGÓGICO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a disposição de sala de aula como espaço físico • o grau de interação entre o professor e os alunos • a melhor forma de ensinar determinado conteúdo a certos alunos • a mais adequada tecnologia para ensinar determinado conteúdo • o enfoque que o professor deseja usar: tradicional ou tecnológico
--	---

Quadro 10: meios dentro do conceito de design pedagógico (Adaptado de Jewitt, 2009)

¹⁴ As a question of *design* this involves issues such as what *modes* to use for what segments of the curricular content; how to arrange the content, for instance whether to devise a (largely) sequential structure for it. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001: 51)

Com relação ao último item do quadro anterior, cabe lembrar que, de acordo com Jewitt (2009), o uso de diferentes tecnologias não estaria necessariamente ligado a uma aula mais ou menos tradicional, pois mesmo lançando mão dos recursos tecnológicos mais modernos, o professor pode vir a dar uma aula bem tradicional ou vice versa. Também é importante lembrar que o ‘sucesso’ de uma aula iria além do fato dela ser tradicional ou não.

Como dissemos acima, Jewitt (2009) acredita que as decisões e escolhas do professor em termos didáticos são sempre uma questão de *design pedagógico*, não importando a tecnologia que se use, das mais antigas às mais modernas. Para ela, entretanto, a mais moderna tecnologia à disposição do professor “introduz novos recursos para representação, novos locais de exibição, novas formas de engajamento, novas práticas para os alunos, e novos potenciais de interatividade” (JEWITT, 2009: 158)¹⁵.

Para a autora, isso acarretaria repensar a antiga noção de pedagogia, e daí essa nova proposta de *pedagogia como design*. Nesse novo tipo de pedagogia, o professor deve ser visto como um *designer* dentro de seu contexto situacional, ou seja, caberia ao professor projetar o uso dos mais diversos meios multimodais dentro do seu contexto educacional, no caso a sala de aula. E embora nosso estudo não esteja centrado nos limites de sala de aula, acreditamos, entretanto, que esse conceito de *pedagogia como design* possa ser aplicado aos blogs educacionais, que vem a ser o objeto de análise em nossa dissertação.

No capítulo a seguir, trataremos da metodologia de pesquisa utilizada para o processo de análise do blog por nós selecionado em nosso estudo de caso.

¹⁵ New technologies introduce new resources for representation, new sites for display, new forms of engagement, new practices for students and new potentials for interactivity. (JEWITT, 2009: 158)